

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

PLACAS DE XISTO ANTROPOMÓRFICO DO MUSEU LAPIDAR IGIDITANO, IDANHA-A-VELHA.

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga, Placas de xisto antropomórfico do Museu Lapidar Igitano, Idanha-a-Velha. *Revista de Guimarães*, 66 (1-2) Jan.-Jun. 1956, p. 103-108.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidar igeditano (Idanha-a-Velha)

Por D. FERNANDO DE ALMEIDA
E
O. DA VEIGA FERREIRA

No trabalho de Georg e Vera Leisner sobre as Antas de Reguengos de Monsaraz, quando estes autores fazem o ensaio de sistematização e classificação dos vários tipos de placas ídolos da cultura dolménica na Península, vêm incluídos três desenhos de um tipo de placas raras e muito curiosas.

No Museu de Idanha-a-Velha estudamos duas dessas placas, que tinham sido encontradas num monumento dolménico chamado Anta dos Ferreirinhos, perto de Alcafozes. Segundo consta, foi submerso pela albufeira da barragem da Idanha!

Com a autorização do proprietário do Museu, o excelente benemérito da arqueologia igeditana Senhor António Marrocos, pudemos medi-las e fotografá-las, e, como se trata de peças raras, pensamos dá-las a conhecer melhor nesta nota.

Descrição das placas-ídolos

A placa 1-2 da Est. I (frente e costas) é feita de xisto branco, macio, por certo de algum fragmento dos vários afloramentos de xisto da região, onde há grande variedade de tipos, quer na estrutura, quer na côr.

É afeiçoada nas duas faces e bordos e tem a forma trapezoidal antropomorfa; a cabeça está bem

individualizada do tronco por meio de dois entalhes oblíquos, um de cada lado, que lhe dão o aspecto dos ombros.

Na parte superior tem dois orifícios de furação cônica, como se fossem os olhos. A placa, não apresenta qualquer desenho ou gravura, mas tem uma particularidade que a torna rara: dois vazamentos paralelos, a meio do corpo, que possivelmente representam o tronco e os braços do ídolo.

A outra placa 3-4, Est. I (frente e costas), está muito fracturada e faltam-lhe alguns bocados. É feita num xisto escuro, tipo ardosiano grosseiro. Como a anterior, apresenta os mesmos vazamentos e tem também forma antropomorfa, mas com a cabeça menos individualizada dos ombros, que formam aproximadamente ângulo recto.

Dimensões da placa 1-2:

Comp. — 130^{mm}. Larg. máx. — 70^{mm}. Larg. na altura dos ombros — 65^{mm}. Comp. do vazamento esquerdo — 35^{mm}. Comp. do vazamento direito — 40^{mm}. Abertura dos olhos — 7^{mm}. Diâmetro do orifício — 3^{mm}. Larg. da cabeça — 45^{mm}. Espessura média da placa — 5^{mm}.

Dimensões da placa 3-4:

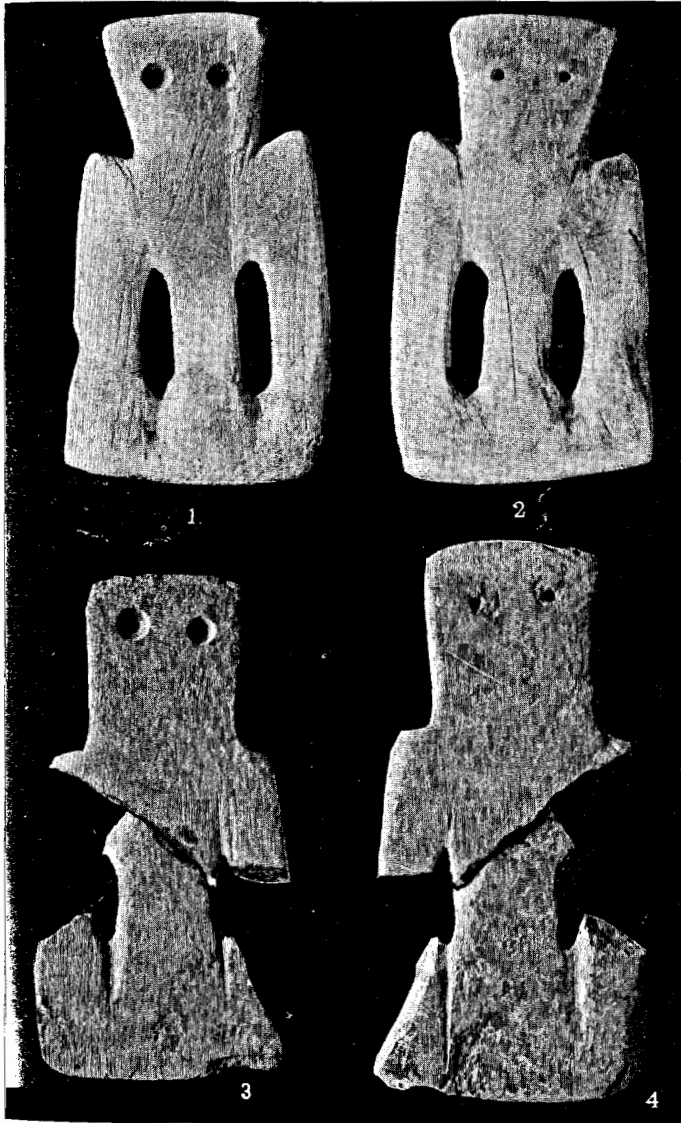
Comp. — 190^{mm}. Larg. máx. — 90^{mm}. Larg. nos ombros — 80^{mm}. Abertura dos olhos — 11^{mm}. Diâmetro do orifício — 4^{mm}. Larg. da cabeça — 58^{mm}. Espessura média — 5^{mm}.

Considerações acerca das placas

Segundo Georg e Vera Leisner, as placas-ídolos podem ser agrupadas da seguinte maneira:

I) — Placas de contorno recortado.

II) — Placas trapezoidais que ostentam, além da ornamentação geométrica, uma série de símbolos e, no conjunto, lembram uma cara.



III) — Placas de ornamentação puramente geométrica.

IV) — Placas de forma recurvada, chamadas «báculos».

Em nossa opinião, as duas placas do Museu de Idanha devem ser incluídas no primeiro grupo, isto é, no das placas de contorno recortado, também chamadas «placas antropomorfas». Não compreendemos a razão por que Georg e Vera Leisner as colocam no grupo III, alínea *a*, ou seja—placas com uma cruz oblíqua, pois estas não apresentam sinal algum. É certo

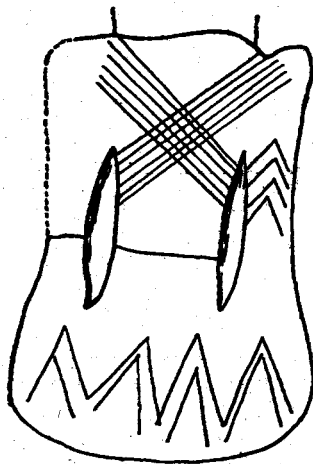


Fig. 1 — Placa-idolo de Idanha-a-Nova, segundo Georg e Vera Leisner

que existe um fragmento de placa de Idanha-a-Nova com vazamentos semelhantes e com a ornamentação em cruz (Fig. 1), mas deste facto não deve concluir-se que as estudadas presentemente, embora apresentem os mesmos vazamentos, devam pertencer àquele grupo. Em face do exposto, colocámo-

-las no primeiro grupo. De resto, as características desse grupo correspondem-lhes, duma maneira geral, perfeitamente: «Placas de corpo rectangular ou trapézoidal, às vezes um pouco estrangulado no meio, com uma cabeça de forma rectangular ou de triângulo invertido, cujo vértice fica dentro do corpo da placa, por vezes indicado por incisões mais ou menos profundas. Seguindo o rumo das incisões laterais da cabeça, os «ombros» elevam-se às vezes obliquamente».

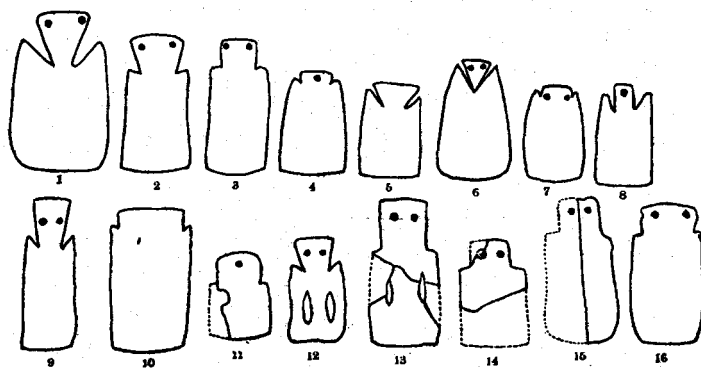


Fig. 2 — Contornos de algumas placas-ídolos das estações portuguesas, tipo recortado.

1. Anta 6 dos Cavaleiros; 2. Anta da Marquesa; 3. Anta 1 do Ce bolinho; 4. Casa da Moura; 5. Anta 1 do Paço; 6. Anta Grande da Comenda da Igreja; 7. Túmulo de Jeromigo; 8. Museu do Carmo; 9. Idanha-a-Nova; 10. Ponte de Sor; 11. Anta 1 de Alcarapinha; 12 e 13. Anta dos Ferreirinhos, Alcafozes; 14. Gruta da Galinha; 15. Anta 1 de Alcarapinha; 16. Anta 1 do Paço.

O contorno destas placas assemelha-se, na sua parte superior, aos ídolos almerienses, que apresentam a mesma configuração da cabeça e dos ombros.

A cronologia destes dois objectos torna-se um pouco difícil, pois não conhecemos os outros elementos tipológicos que deveriam ter existido no

conjunto tumular. Sabemos apenas terem estado dentro dum dólmen. Mas qual o tipo de dólmen?

Das placas pode dizer-se que pertencem à cultura dolmênica, e que o seu aspecto sugere influência da civilização almeriense.

Na Península Ibérica o ídolo almeriense e a placa dos dólmenes do Alentejo, parece estarem ligados. O ídolo almeriense tem manifestas influências orientais, ou melhor, de civilizações orientais, especialmente da Península da Anatólia, de Chipre, Troia, etc. Em todo o caso, parece-nos que o berço destes curiosos ídolos-placas foi o nosso Alentejo. É uma cultura mais antiga que todas as outras, quer europeias, orientais ou norte africanas, como as culturas pré- e proto-dinásticas egípcias, com raízes já no Neolítico inicial. O que reforça a nossa opinião, e neste ponto estão de acordo connosco os Professores Leisner, é a ornamentação geométrica de quase todas as placas-ídolos, a sua forma trapezoidal e antropomorfa, que deve ter raízes no Neolítico ibérico e cuja evolução acompanhou o Eneolítico peninsular e culturas afins do Ocidente europeu.

Para nós, de um modo geral, as placas antropomorfas representam simbolicamente uma idea religiosa ligada à figuração humana; significam, por certo, uma divindade ainda desconhecida. As placas de Idanha-a-Velha, com a sua estilização da figura humana e com o esboço da representação de braços, demonstram bem essa idea.

Agradecemos muito reconhecidos ao Senhor António Marroços todas as facilidades que nos prestou, não só no estudo destes dois objectos, como no acolhimento e cuidados que nos dispensou em sua Casa da Idanha, essa lendária e mui nobre Igeditânia.

Principais trabalhos consultados

A. Viana, *O Monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo)*. Zephyrus, iv, Salamanca, 1953; Georg & Vera Leisner, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz — Materiais para o estudo da cultura megalítica em*

Portugal. Lisboa, 1951; A. Viana, *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*. Trab. de Antrop. e Etnol. Vol. XII, fasc. 3-4, Porto, 1950; Georg Leisner *O dolmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo*. Biblos, vol. XX. Coimbra, 1944; Georg Leisner, *Antas dos Arredores de Évora*. A Cidade de Évora, 15-16, Ano vi, Évora, 1948; Georg & Vera Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Berlin, 1943; Carlos Cerdán Márquez, Georg & Vera Leisner, *Los sepulcros megalíticos de Huelva*, Informes y Memorias, n.º 26, Madrid, 1952.